



O NEVEIRO

Boletim Informativo do Rancho Folclórico Neveiros do Coentral
Nº 12- V Série – Outubro, Novembro e Dezembro de 2002



Como estamos no Natal resolvemos dar uma prenda a nós (e a vocês) e não escrevemos rigorosamente nada nesta edição. E sabem que mais, nem foi preciso porque até escreveram sobre nós e sobre o nosso trabalho (pág. 6).

Também temos mais uma grande entrevista. Desta vez a neta-entrevistadora foi a Catarina e o "avô-vítima" foi Manuel Fernandes Miranda (pág. 8).

E duas óptimas reportagens sobre o quentinho magusto no CIRUC (pág. 10).

Nesta altura a "Febre Consumista" costuma disparar. Se calhar já não vamos a tempo, mas aqui ficam as dicas preciosas da Ana Filipa (pág. 16).

E ainda as últimas da Direcção (pág.2), um artigo da Sra. Presidenta (Pág.3), uma crónica tão quente que vos vai fazer suar nestes dias de frio (pág. 4), as já habituais Reflexões da D. Isaura (pág. 13) e, para relembrar os bons velhos tempos ou matar saudades, as diferenças entre as Gerações Heidi e Pokemon (pág. 14).

APROVEITEM QUE DESTA VEZ ESTAMOS UNS MÃOS LARGAS. TALVEZ POR SER NATAL, OU PORQUE GOSTAMOS DE VOS VER FELIZES.

Sede:

CIRUC – Centro de Instrução e Recreio União Coentralense
Freguesia do Coentral – Coentral Grande
3280-201 Coentral

Ficha Técnica — *O Neveiro*

Este Mono é “propriedade” do:

Rancho Folclórico Neveiros do Coentral

Sede:

CIRUC – Centro de Instrução e Recreio
União Coentralense
Freguesia do Coentral – Coentral Grande
3280-201 Coentral

Delegação em Lisboa e morada para a correspondência:

Casa do Concelho de Castanheira de Pera
Rua Alves Torgo nº37
Telefone e Fax : 218 461 864
1000-032 Lisboa

Os “maluquinhos” que fazem isto, são:

Emílio Miranda
Helder Machado
Jorge Humberto Almeida
Manuela Machado
Paulo Miranda

E os “maluquinhos” que conseguimos convencer a escrever, são:

Ana Filipa Antunes
Catarina Barata
Isaura Baeta
Jorge Bento
Marta Sena Gromicho
Olga Almeida
Susana Henriques (Fotografias)

Sugestões, críticas ou artigos que gostaria de ver publicados, também pode fazê-lo para os seguintes endereços:

emilio.miranda@mail.telepac.pt
macshade@clix.pt
jobe.almeida@iol.pt
paulo.miranda@solvay.com

www.oneveiro.web.pt

**NOTA DA REDACÇÃO: TODAS AS OPINIÕES
EXPRESSAS NOS ARTIGOS PUBLICADOS EM**

**“O NEVEIRO”, SÃO DA EXCLUSIVA
RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES.**

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

- Conforme acordo celebrado em 5 de Novembro, com o Sadesil (Serviço de Apoio ao Desenvolvimento Económico, Social e Iniciativas Locais), Gabinete da Câmara Municipal de Castanheira de Pera, “a nossa música” está à venda na CASA DO TEMPO, a par de outros produtos da Região – barretes, mel da Serra da Lousã, postais, etc. Aqui serão também expostos os desdobráveis do RANCHO e da CASA DO NEVEIRO, logo que as suas portas se voltem a abrir (após a conclusão das obras) o que esperamos seja muito em breve. Este espaço (CASA DO TEMPO) tem sido utilizado para mostrar trabalhos diversos de pessoas ligadas às artes pertencendo, ou não, ao Concelho de Castanheira de Pera. Segundo informação do Serviço Coordenador o número de visitantes tem aumentado significativamente. Será talvez, o momento do Coentral vir a expôr o trabalho dos seus “artistas”, neste espaço que também é nosso.

- Novamente endereçamos uma palavra de agradecimento ao Sr. José Carvalho, que desta vez, nos presenteou com 1000 folhetos da Casa do Neveiro – Núcleo Museológico que, conforme o ponto anterior, já está a ser distribuído e a ser enviado, na nossa correspondência. Mais uma vez o nosso obrigado.

- Pensámos, também, não fazer o tradicional lanche de Natal. Ficará para os Reis. No entanto, o nosso desejo de vos presentear a época, levou-nos a fazer algumas “démarches” para que pudéssemos ver um espectáculo diferente, (com um desconto de 50%) quer geograficamente onde está inserido, quer economicamente, quer ainda, e se calhar é o motivo maior, a pré-disposição de ir a este local, sozinhos ou com a companhia habitual. Por isso, no dia 10 de Dezembro, está marcada a ida dos Neveiros (à civil), seus familiares e amigos, a ver o espectáculo do Casino Estoril “EGOÍSTA”, esperando assim, que passem um serão agradável, e que, decerto, para muitos será a primeira vez que entram nesta Sala. Dada a aderência que tivemos para o espectáculo da “Amália”, pensámos que não seria difícil arranjar um grupo de +/- 40 pessoas. Hoje, dia 29 de Novembro, podemos dizer que já temos inscrições para mais de 80 pessoas, o que nos leva a acreditar que ainda vamos chegar à centena. É-nos grato poder satisfazer um considerável número de pessoas.

- Um último ponto (notícias de hoje, 29/11), podemos dizer que o nosso “Núcleo Museológico – A CASA DO NEVEIRO, abrirá novamente, as portas ao público, no próximo dia 2 de Dezembro, depois de já finalizadas as obras. Para isso, lá vai este fim de semana, uma mini-equipa para pôr tudo novamente nos seus respectivos lugares.

Lx: 2002-11-29

A Direcção

Sede:

CIRUC – Centro de Instrução e Recreio União Coentralense
Freguesia do Coentral – Coentral Grande
3280-201 Coentral

Sede:
CIRUC – Centro de Instrução e Recreio União Coentralense
Freguesia do Coentral – Coentral Grande
3280-201 Coentral

O NATAL E A FAMÍLIA

Nesta altura do ano, há sempre mais uma palavra de conforto a dizer. É nesta época que existe um corte na rotina, e que as famílias e os amigos se esforçam em reunir para celebrarem mais um pouco de amor e paz.

Acontece num tempo de relativização de valores, numa cultura do efémero em que se perdeu a notícia da dimensão do amor, fazendo parte de uma sociedade que não compreende, nem protege a família.

Mas não queremos desistir. Queremos que a nossa luta seja um testemunho da afirmação de valores tradicionais. Como dizia Winston Churchill ***“Sem tradição, a arte é como um rebanho sem pastor”***.

E porque considero os NEVEIROS, como uma família, quero começar por agradecer à equipa do Jornal ***“O Neveiro”***, pelo esforço que tem feito para a sobrevivência deste pasquim, mas por favor, não me peçam mais subsídios (*estou a brincar*), pois a actual conjuntura económica não o permite.

Quero agradecer à equipa de gente nova, que decerto vai contribuir para a continuidade desta família, pena é, que a grande percentagem seja feminina. Onde estão os 95% de rapazes que nasceram +/- na última década no seio da família coentralense?

Quero agradecer à equipa do Núcleo Museológico – Casa do Neveiro – pelo seu empenho, para que a história do nosso grupo e seus antepassados, possa ficar para a eternidade.

Quero agradecer às nossas ensaiadoras e tocadores, pela dedicação que têm demonstrado, sempre.

Mais uma palavra de agradecimento à equipa de bailadores veteranos que têm aguentado o grupo, ao longo destes anos.

À minha equipa e a todos aqueles que de uma ou outra forma nos têm ajudado, o meu sincero obrigada.

É o sentimento de familiaridade que me conforta. É neste sentimento de Amizade e calor humano que me une de forma especial a esta “Família”.

Confie, que no meu coração ficaram os melhores momentos. Prazeres e emoções. Coisas que a memória se encarrega de tornar inesquecíveis.

Desejo a todos um BOM NATAL, um ANO NOVO cheio de trabalho, saúde e amor. À minha família, só quero que Deus nos dê saúde, para eu poder cumprir por mais um ano, a missão a que me propus.

Coentral, 2002-12-01

Olga Bento de Almeida



Um abraço, e espero vê-los a TODOS no próximo dia 4 de Janeiro de 2003 para o Lanche dos Reis.

CRÓNICA DE UM DIA DE CALOR



Dia quente e abafado. A temperatura rondava os 35°C e Lisboa estava coberta por uma onda de calor.

Saí de casa mais tarde do que o previsto e encontrei o imprevisto: “fila no quilómetro 14 devido a acidente entre dois veículos”, era a frase que se repetia, constantemente, em diferentes estações de rádio.

Durante a viagem permanecemos calados e, quando já avistávamos a estátua do Marquês, o meu pai disse-me: - “Prepara-te para saltar ali à frente!”.

Um ”adeus” rápido (como quem come um hambúrguer na meia hora de almoço) e um “até logo” abafado pelas buzinas que poluem a atmosfera lisboeta, e lá parti eu para mais um dia de estudo.

À entrada do metro, os odores confundiam-se: um misto de odor de Verão e de poluição. O meu frágil olfacto foi violado e tive vontade de gritar, de exigir uma vida saudável e, para juntar este a tantos outros dias, apanhei o metro em direcção à cidade universitária. O mesmo ritual, as mesmas estações, os mesmos cegos com a mesma cantiga.

Finalmente cheguei ao Hospital de Santa Maria! A ideia de ter que me “encafiar” numa biblioteca a estudar não era aliciante. No entanto, o facto de saber que a companhia ia ser agradável, aliviava um pouco o meu desespero.

Apesar de ter chegado um pouco depois da hora combinada (estava atrasada uma hora!), o meu companheiro de estudo ainda não tinha aparecido e o calor, pelo contrário, teimava em ficar.

Ar condicionado!!! Essa maravilhosa invenção que nos tira o sufoco, ao mesmo tempo que nos faz espirrar e libertar as nossas alergias.



Atirei-me de cabeça ao sistema nervoso e estava mesmo a ficar nervosa. Numa mesa perto da minha, três galinhas pareciam discutir qual das três tinha melhores ovos, quando uma colega, que já não aguentava tamanho “cacarejanço”, se levantou mandando-as fechar o bico.

E o silêncio reinava, o vento não soprava e o calor continuava.

(continua na página seguinte)

Nos microscópios, e parecendo alheios a qualquer facto que os pudesse incomodar, dois colegas discutiam lâminas de Histologia.

Por volta das 11 horas, já não via sistema nervoso, nem as galinhas, nem os colegas. O meu estômago contorcia-se, na tentativa de desprezar a necessidade que sentia de um pouco de alimento; o cérebro pedia mais glicose e o organismo definhava, procurando energia.

Abri a mochila e, como um mago que faz saltar um coelho da cartola, fiz sair de lá uma maçã verde e luzidia. Era fresca e tão saborosa, que por instantes esqueci o calor e o estudo. Acabada a maçã, de volta ao Atlas de Histologia!!

O tempo passou e, corridos minutos e gastos mais uns neurónios, chegou a altura de dar corda aos dentes. Discutia-se o local do almoço quando, provenientes de um corredor lateral, se avistaram dois personagens insulares: Madeira e Açores juntavam-se para um encontro quase diplomático. Agora a discussão era outra, a Bioquímica Fisiológica!

“Cantina velha”, exclamou-se em uníssono e lá partimos todos para o esperado almoço na Macrobiótica. E o estômago roncava, o pardal assobiava e o calor não passava.

Acabada a refeição, de volta ao trabalho! O calor era tal que não agüentei muito tempo. Resolvi voltar para casa mas, antes disso, fui visitar “São Miguel”. Recordações do passado recente foram chamadas ao presente e, apesar de não conseguir suportar nem o calor nem a ideia de ter de abandonar o meu santo preferido, regressei a casa.

O “até logo” que havia proferido de manhã tornava-se agora presente. Cumprimentamo-nos e foi ao som de um “estão vestidos? Então vamos embora!” que, por debaixo de um sol tremendo e um calor abrasador, lá fomos, mais uma vez, tentar calar o infortúnio do esvaziamento gástrico.

Pouco tempo depois, de volta ao quente e, finalmente, de regresso a casa.



Apesar de já ser noite, o calor continuava e não se calava. Subi para o quarto, deixei uma lâmpada acesa e os estores com os furinhos à mostra. O escuro e o calor aliaram-se e os meus pensamentos ficaram enevoados: S. Miguel, a Histologia, a Bioquímica Fisiológica, a Macrobiótica...Um



telefonema para levantar os ânimos e fazer esquecer, por momentos, os santos, a Histologia e o calor. Fiquei mais serena e dormi.

Dia quente e abafado.

A temperatura rondava os 35° C e Lisboa estava coberta por uma onda de calor.

Marta Gromicho

☺ *Neveiro* ☺

Esta é a página que poderá, e deverá ser, uma “Tribuna” onde todos, mas mesmo todos, poderão aplaudir, lançar ideias, reclamar, sobre tudo o que quiserem.

Por vezes, tanto nos ensaios como nas próprias actuações, falamos e ouvimos falar sobre situações de que gostamos e não gostamos. Todas essas opiniões poderão ser partilhadas de uma forma clara aqui, sempre que tal se justifique.



A segunda participação é, como não podia deixar de ser, da nossa colaboradora mais profícua, **Isaura Baeta**. Ora façam o favor de ler o que ela diz sobre o nosso trabalho:

Uma Criticazinha

Às vezes, folheando “*O Neveiro*”, fico a pensar nos seus feitores, sem que nunca me tenha pronunciado àcerca disto, nem ao menos para fazer uma criticazinha.

Mas nunca é tarde. Se calhar é agora, porque não?

Eles andam sempre a mandar bocas!

Não colaboram! Escrevam-me porra! E outras, até palavrões eles escrevem. Isto não fui eu que inventei nada.

Escrever onde? Se os jornais já vêm cheios?

Perdoai-lhes Senhor que não sabem o que dizem.

Pois então aqui vai.

Este jornaleco chega sempre tarde e sem avisar. Como isto não chegasse, fala aqui de coisas e coisinhas que não lembram ao diabo. Até parece que esta gente apenas aproveita isto para treinar os dedos no teclado. Santo Deus.

Dizem que compraram uma aparelhagem, cinco micros, custou duzentos e quarenta e seis contos e meio?! (Nota da Redacção: Mil, duzentos e vinte e nove Euros e cinquenta e quatro cêntimos). Mas isto interessa para quê? Eu só preciso de um micro e ainda o partilho com os outros cantores! Nem sequer penso pagá-lo!

E os classificados!? Agora até querem vender-me uns sapatos quarenta e três, quando eu calço o trinta e seis biqueira larga por causa dos joanetes.

Provérbios e mais provérbios, que chatice.

Foto a dançar frente á capela de Santo António, para quê isto? Eu estava lá, bem vi!

E este cabeçalho?!

Um poema erótico que é isto? Já chegámos à Madeira?

Politiquices escreveu o Milo. Eu não gosto de politiquices.

Taras e Manias pela Ana Paula. Ó valha-me Santa Rita, será isto assunto para um jornal?

Ensinamentos sobre **Marketing**. O que é isto? A brincar, a brincar me vão chamando de burra.

Aguieira no Coentral pela Rita do Soito. Vá lá, ao menos desta página gostei, mas não me explicaram quem era a Rita do Soito. O que eu queria saber ficou por explicar.

CoentralNet o que é isto? Podem explicar-me por favor

A Isabel Barata perante lamúrias, cede, arranja um pouco de paciência e um titulo **Então é Assim** e com ele encheu uma página, mas ao lê-lo senti



uma dor na alma, a rapariga não tem tempo, e não param de maçar as pessoas, que chatice. ? (continua na página seguinte)

Aniversários! Parabéns! Quero lá saber se nem ao menos coincide com os ensaios para provar o bolo.

Ginástica no CIRUC com foto onde não se vê nada.

Entrevista à Lena, à Mariazinha, à Manuela Carita, à Paula, ao Abílio Galhardo! Mas por onde anda essa gente que devia estar aqui junto de nós? Tragam-nos, isso sim. Por onde andam eles?

Homens na cozinha pelo Paulo Miranda. Já viram isto? Mas o que percebem eles de culinária? Coitados. Já chegámos à igualdade?

Mas escrever o quê? Este título do Fernando Costa, onde eu mesmo com estas lentes fracalhotas, já contei trinta e tal pontos de interrogação, grandes, porque os pequenos já não os enxergo. Dá-me a ideia que ele estava a brincar às escolinhas, treinando aquele sinal. Valha-me Santo Ambrósio, não será o Fernando um bailarino à altura, que possa ensinar aos caloiros alguma coisa útil? Por exemplo, os truques do jogo do pau sem partir o pau nem o adversário?! Ou o Fado Mandado, dois passos à frente! Dois passos atrás! Elas ao colo! Vamos ao centro! Com elas ao colo! É só um balanço! Com elas ao colo! Vamos embora! Com elas ao colo! Etc. etc. Ai Fernando, Fernando, valha-te Santa Rita.

Muitos dias muitas horas a dançar Foi o Helder, gostei do que ele escreveu, um título bem simpático, mas não diz quantas horas. Ou ainda anda a somar as horas, ou está a preparar alguma reivindicação.

Muita coisinha vai mal neste jornal mas fico por aqui, se bem que isto dava pano para mangas.

Pois é, mas pensando bem, a brincar também se pode falar de coisas sérias, e para provar isso acrescentaria que este nosso jornalinho apanha-me sempre distraída, e é uma surpresa agradável ao estender as duas mãos para o receber. Gratuito, bom papel, diversificado, bem humorado, inteligente, fala das nossas coisas e coisinhas, e das nossas gentes, tem o dom de nos unir, dá bons prémios, até eu ganhei alguns que me agradaram bastante, bem doseado, leio-o de uma ponta à outra, e ele me dá cinquenta ou sessenta minutos de prazer, tem passatempos, aberto a escrivão de qualquer caneta, até eu despejo nele alguma conversa da treta.

É bem revelador de quanta paciência, persistência, espírito de voluntariedade e dádiva para que ele chegue de presente às minhas mãos. Se puderem continuem, ele é muito útil para todos nós. Reparei, na viagem para Marialva, que o tempo que se seguiu à entrega de “*O Neveiro*”, foi de silêncio absoluto.

É caso para dizer que vós equipe de “*O Neveiro*” sois de facto geniais.

Posso enviar-vos um beijo?

Isaura Baeta



Nota da Redacção: Como podem verificar nós publicamos todos os artigos que nos enviam. Até aqueles que nos “criticam”. E gostaríamos que todos escrevessem para “*O Neveiro*”, nem que fosse para dizer que não gostam do que fazemos. O jornal é feito de colaborações e só com elas podemos fazer melhor. E será sempre com críticas construtivas que tal se poderá conseguir. À D. Isaura queremos agradecer a sua colaboração e dizer-lhe que as nossas páginas continuam à espera dos seus escritos e as nossas bochechas à espera do seu beijo.

Entrevista com: MANUEL FERNANDES MIRANDA

Tal como escrevemos no número anterior, outros desafios tinham sido lançados e desta vez foi a Catarina que resolveu, simpaticamente, colaborar connosco. Continuamos à espera de mais respostas, a convites que fizemos, para dar a conhecer, a todos, as histórias, sempre interessantes, daqueles que estoicamente continuam a ser os “eternos resistentes” do Rancho.

E, sem mais palavras, aqui está o resultado duma entrevista feita pela neta ao avô.

Tem a palavra a Catarina.

Se existem histórias de que o Rancho se pode orgulhar, esta é de certo uma delas, porque afinal são poucos aqueles que ainda se vão mantendo, e que podem dizer, que “ser Neveiro” fez sempre parte da sua vida, e que a sua vida esteve sempre ligada aos Neveiros. São aqueles, que na hora de “mostrar a cara”, disseram sempre sem medos, sem vergonhas, “sim, sou Neveiro”, porque afinal, são eles os “senhores da terra”, os verdadeiros coentralenses, os autênticos NEVEIROS! Vou falar certamente com um deles, que muitas histórias tem para contar, e que é um dos mais antigos tocadores do nosso Rancho e meu avô: Manuel Fernandes Miranda.

Catarina - Avô, o pessoal do “*Neveiro*” está farto de me pedir para que eu lhe faça algumas perguntas sobre si e sobre a sua ligação ao Rancho, que me diz?

-Não há problema, pergunta...

Catarina - Quando é que se apercebeu do seu jeito para tocar?

-Bem, jeito...Jeito não sei, mas vontade sim, tinha muita...Na altura não haviam cassetes, nem rádios para tocar nos bailes, logo as pessoas queriam músicos...Às vezes se não fossem os tocadores de harmónio do Camelo, os bailes ao Domingo não se faziam...

Catarina - E quando é que começou?

-Comecei a aprender aos doze, e aos treze, com alguma “tremedeira”, já tocava algumas músicas, num banjo que mais parecia uma pandeireta sem fundo nem nada e que tinha pouco som. Pus-lhe então uma pele de cabra, para ver se o som melhorava...

Catarina - E porquê o banjo?

-O banjo?! Porque me disseram (e é verdade) que dá menos despesa...

Enquanto que o harmónio ou a concertina precisam de um afinador profissional, no banjo o tocador é o afinador...

Embora eu também goste da concertina, foi no banjo que me especializei.

Catarina - E quando veio para Lisboa, continuou a praticar?

-Sim, logo que pude, comprei um banjo novo numa casa de instrumentos que se chamava Grácio, ao pé do Limoeiro. Ia treinando com o pouco vagar que tinha, porque o trabalho ocupava muito tempo do dia.

Catarina - E quando veio o convite para ingressar no Rancho?

-Foi uns meses depois de ser fundado o Rancho...Fui convidado pelo Dr. Herlânder Machado...Na altura haviam poucos tocadores e como sabiam que eu tocava banjo...

Catarina - O que o levou a aceitar o convite?

-O Rancho era uma maneira de cativar a mocidade para uma vivência mais sã...Era uma forma de haver convívio entre as pessoas, e era uma maneira de divulgar a nossa terra, o nosso Concelho...



Catarina - E aprendeu rápido, ou foram precisos muitos ensaios? Qual era/é a música que mais gostava/gosta de tocar?

-Não era difícil tocá-las...algumas delas foram formadas com a minha ajuda, como os Tapadinhos, a Eira, a Lomba e a Rica Prima...A música que acho mais alegre é a moda dos Tapadinhos.

Catarina - E onde eram esses ensaios?

-Os ensaios, eram na Casa da Comarca de Figueiro dos Vinhos, ao Sábado, por volta das 20:30. Mais tarde é que passaram para a casa do Concelho...

Catarina - E conhecia as pessoas todas?

-Quando entrei conhecia a maior parte das pessoas, até porque elas ou eram do Coentral ou estavam ligadas às pessoas de lá.

Catarina - Lembra-se da primeira actuação? Onde foi? Como é que se sentiu?

-Parece-me que foi no Estádio 1º de Maio, na Avenida Rio de Janeiro (parece-me que foi aqui), na altura Estádio 28 de Maio. Não estava completamente à vontade, mas como não era o primeiro a começar, estava bem.

Catarina - Alguma vez pensou em deixar a tocata e "dar um pézinho de dança"?

-Era tocador, nunca pensei nisso...Não tinha problemas em dançar quando era novo, mas o que era preciso eram tocadores, como ainda hoje...

Catarina - Qual é para si, o maior feito do Rancho?

-Um dos grandes feitos do Rancho, foram as idas ao Brasil, proporcionadas pelo meu amigo Nelson Claro e outros amigos do

Concelho, que vão ficar para sempre gravadas na minha memória a letras de ouro, pois muito dignificaram o Coentral e toda a região.

Catarina - Uma vez, que já passaram algumas gerações por si, e que agora parece começar a existir outra, mais jovem, com vontade de continuar a representar o Rancho, acha que o futuro está assegurado? Decerto que não gostaria de ver o Rancho, que tantas alegrias lhe deu, acabar. Para si o que é necessário fazer para que isso não aconteça?

-Se querem que o Rancho vá para a frente, esforcem-se para isso, cumpram horários, sejam responsáveis, e principalmente, sejam sinceros na altura de tomarem decisões sérias.

Aos mais jovens tenho a dizer, que admiro muito as raparigas que aprenderam os passes muito rápido e que em pouco tempo já dançam algumas danças. Já os rapazes por terem mais dificuldade, não devem desistir e esforçarem-se sempre mais, para poderem acompanhá-las.

Catarina - Acha que se a sua geração desistir, o Rancho acaba?

-Sim, acho que sim. Infelizmente não existem jovens que nos possam substituir, por isso é normal que isso venha a acontecer.

Catarina - Obrigada Avô pela sua colaboração, tenho a certeza que as pessoas, assim como eu, vão ficar a perceber mais sobre a sua vivência enquanto elemento do RANCHO FOLCLÓRICO NEVEIROS DO COENTRAL!

Catarina Barata



MAGUSTO NO CIRUC

O 1 de Novembro foi o nosso último fim-de-semana grande do ano de 2002 e, por isso mesmo, fomos muitos os que decidimos ir para o Coentral. Mas, pelos vistos, houve mais pessoas que também tiveram a ideia de ir passar o fim-de-semana fora porque, a julgar pelo trânsito, Lisboa ficou vazia.

Embora tenhamos antecipado um bocadinho o São Martinho para a tarde de dia 2, o magusto soube mesmo muito bem, por isso, nem sei bem por onde começar: as castanhas da nossa terra estavam muito docinhas, as farinheiras, o chouriço e as febras de porco preto estavam de comer e chorar por mais, os doces eram muito variados, e tanto o vinho como a água pé estiveram a condizer com tudo o resto.



No entanto, para todas estas iguarias estarem tão do nosso agrado, houve muito trabalho de bastidores... o Manuel (como sempre) e o tio Ramiro nunca largaram a cozinha, o José Carvalho ofereceu a carne, o Jeremias a boa bebida, e as senhoras as habituais sobremesas. Por isso, é a eles que nos cabe agradecer por nos terem proporcionado tantos prazeres!! Logo após o prazer da degustação, seguiu-se a festa com muito convívio, um jogo de futebol pelo meio, o sorteio de algumas rifas com prémios de alta qualidade e, por fim, seguiu-se a música ao som das concertinas e dos tambores, com vozes e gargalhadas a acompanhar.



Mas ainda não ficamos por aqui, pois para completar esta festa só ficavam a faltar os “Parabéns a você...” ao tio Ramiro que tinha feito anos no dia 1 e à Anita que depois da Meia noite também já era pequenina. Foi sem dúvida um fim-de-semana bem passado, apesar do trânsito e do mau tempo, porque nos proporcionou aquilo para que nunca temos tempo: conviver e conversar todos juntos...

Ana Filipa Antunes



MAGUSTO – MAIS UMA INICIATIVA D’OS NEVEIROS

Iniciarei esta modesta colaboração com algumas curiosidades alusivas ao *S. Martinho*, a saber:

- Martinho foi Papa, nasceu na Hungria e pontificou no Séc. IV.
- Que o povo apelidava *S. Martinho* de S. Borracho e que já Malhã pintou um óleo a que chamou “Os Bêbedos”.
- Que em rempos idos, o Rei mandava que só se podia vender e beber vinho no dia 11 e só na Golegã... e o povo dizia:

Vai à adega e
prova o vinho
Mesmo que não seja no S. Martinho



E foi assim que, integrado nas comemorações do S. Martinho, a Direcção d’Os Neveiros levou a efeito no passado dia 2 de Novembro, no CIRUC, mais um agradável e prazenteiro convívio (que nos perdoe o Rei de não ter sido no dia 11 nem na Golegã...).

Nos tempos que correm, em que as pessoas cada vez mais, regem a sua conduta diária por padrões de valores muito pouco éticos, considero deveras importante e salutar como, ao fim de +/- 38 anos, Os Neveiros conseguem manter esta chama de comunhão, entreajuda, solidariedade e amizade que tem pautado as inúmeras actividades a que se tem proposto e já concretizadas.

E desta feita, não fugiu à regra. Foi uma jornada quiçá bastante concorrida (cerca de 100 pessoas) e participativa.

Começámos – o Zé Carvalho, o Zé Almeida, o Alberto e eu – por colocar as mesas e as cadeira de pé e em “su sítio”... tarefa importantíssima, sem a qual não amesendávamos nem refeiçãoávamos...

(continua na página seguinte)



Depois, bem... depois à hora aprazada deparámos com umas inevitáveis e bem preparadas castanhas e uma bela “pinga” oferecida pelo sempre generoso Jeremias; seguiram-se umas apetecíveis e saborosas salsichas, farinheiras, chouriços e febras, oferta do nosso estimado Zé Carvalho; o imprescindível caldo verde; o guloso doce da Fernanda Claro e vários outros igualmente gostosos. Como se não bastasse, cerca da meia-noite, ainda tivemos direito a 2 bolos de aniversário com os quais o Ramiro e a Anita (aniversariantes) e seus familiares, simpaticamente, nos quiseram presentear e que com eles partilhássemos os “Parabéns a Você”.

Acrescentarei ainda, que seria de todo injusto, não assinalar aqui uma palavra de agradecimento às incansáveis Licas e Olga, Manela (do Américo), Fernanda (do Jeremias), e demais colaboradores, assim como ao Manuel Barata e Ramiro pela já habitual disponibilidade, entrega e gosto na confecção do que nos foi servido.



Entretanto, as espaços, no decorrer das longas horas que durou este alegre e prazenteiro convívio, houve lugar aos habituais e inevitáveis leilões (tômbola) – cujas ofertas saem sempre aos mesmos, não percebo... e acontece até, que uma das vezes, mesmo antes de rolar a tômbola, já se ouvia alto e bom som, a voz do Quim: ***“saiu-me a mim, é meu!”***

E não é que lhe saiu mesmo! Pudera, ele tinha adquirido as rifas todas daquela série... Só visto!

Mas também, houve dançares, cantares e tocata como não podia deixar de ser. E, no que toca à tocata (passe a redundância) gostava aqui de sublinhar uma curiosa, interessante e interessada participação no “Bombo” da Elisa, filha da Mariazinha. Sim senhor, gostei de ver e apreciar!

A rever...

E pronto, mais não digo porque não sei.

Jorge Bento



REFLEXÕES II

Conhecendo-nos nós uns aos outros tal como nos conhecemos, sabemos bem quanto amamos estas causas (Rancho, Coentral, etc.) e ao que somos capazes de nos vergar por elas, mas há frases ditas em público, que carregam sentimentos tais, e me deixam embasbacada observando até onde irá essa capacidade de *Bem Querer* que admiro e vou registando.

Oram vejam:

Dr. Herlânder Machado – *“Quero ao Rancho como a um filho!”*

Angelino Madeira – *“Não há terra bonita como a minha!”*

Isabel Barata – *“Eu adoro o Rancho e o Coentral! Nunca os deixo!”*

Eng. Machado Fernandes – *“Eu nunca deixo o Rancho!”*

Manuel Fernandes – *“Não há terra como o Coentral! Aqui é tudo bom!”*

Alberto Simões – *“Eu quero estar no Coentral, enquanto estou vivo, depois, já não vejo!”*

Joaquim Agostinho (Brasil) – *“Gosto de tocar e dançar estas modas!”*
(a seguir dançámos os dois tocando banjo)

Abilio Galhardo – *“Não vou ver o Rancho, falta-me a coragem!”*

Ramiro Simões (Ana de Avis) – *“Mal empregado tempo de espera, era mais uma hora na nossa terra!”*

Carlos Jorge – *“Ai se o meu avô soubesse que eu dançava no Rancho!”*

Américo Barata – *“O meu Rancho é sempre o melhor! O que me chateia é a PDI!”*

Fernando Costa (Frielas) – *“Eu só deixo o Rancho quando eu dançar com a minha filha!”*

Diogo Simões – *“Se algumas coisas se alterarem, prometo repensar. Existe aqui dentro amor à camisola!”*

Isto é bonito, não é?
Isaura Baeta





O QUE MUDOU ENTRE DUAS GERAÇÕES

GERAÇÃO HEIDI E GERAÇÃO POKÉMON



Não me digam que não se lembram... ?

Para todos aqueles que olham para trás e não encontram razões para recordar!
Para todos os que sentem saudades do passado!
Para lembrar que o tempo passa mas as recordações ficam... e ainda bem!
Enfim para todos...

GERAÇÃO HEIDI

Têm hoje 30 anos, ou à volta disso. Chamavam-se Anas Tudo (especialmente Cristina, Filipa, Rita ou Sofia). As outras eram Carla, Sandra ou Sónia., os rapazes eram João Tudo (geralmente Pedro, Nuno ou Paulo) ou Luís Miguel.

Muitas mães eram domésticas, e levantavam-se mais cedo para enfiarem almôndegas à força nos termos da escola. As que não eram, andavam muito ocupadas nas manifestações e davam dinheiro para comer na cantina. Principal preocupação dos pais: que os filhos dessem em doutores.

Pequeno-almoço: papa de qualquer coisa, se possível com leite gordo e muito açúcar, ou então café com leite. Lanche: uma carcaça mole ensopada de doce de morango ou marmelada. Comida da cantina: carne assada com massa, bife com massa ou jardineira.

Levava-se para a escola: uma mochila verde tipo tropa com fechos de Cabedal que encaracolavam no segundo dia e com inscrições dos grupos favoritos: Duran Duran, Spandau Ballet ... havia uma régua espetada nos dias das aulas de desenho. Pesavam toneladas. Não se conseguia encontrar os livros escolares. Estavam sempre esgotados porque eram os mesmos para toda a gente.

Havia quem os forrasse para passarem para o irmão mais novo no ano seguinte.

Na papelaria da esquina comprava-se 1 embalagem de marcadores, 1 afia, 1 borracha, 1 esquadro e era suposto que desse para todo o ano. Na ginástica, usava-se sapatilhas brancas e fatos de treino azuis escuros, encarnados ou verdes com uma riscas branca e uns fechos muito desconfortáveis que faziam uma marreca à frente. E andava-se com aquilo o dia todo. Nas aulas: faziam-se cadernos de autógrafos a dizer: “ Nas ondas do teu cabelo, ensinaste-me a nadar / Agora que estás careca , ensina-me a patinar”. Passavam-se papelinhos. Nas férias: iam para a casa dos avós ou eram deixados à balda. Vestia-se aquilo que viesse à mão. Blusas verde-eléctrico com golas de bico, calças de bombazine com joalheiras. As meninas podiam ter aplicações de malmequeres de pano, vestiam saias de pregas sem nenhuma forma e sapatos rasos com lacinhos. Ambos: pull-overs às riscas, camisolas tricotadas pelas mães dois números acima, kispos (que deveriam durar quatro anos, no mínimo), galochas amarelas e botas caneleiras.

Não havia a Zara...

Era normal ser-se muito feio com 10 anos.

Trocavam-se cromos das Maravilhas da Natureza, da Kate Greenaway ou da caderneta do Benfica. Em casa brincava-se: às bonecas, aos carrinhos e com os bonecos dos estrunfes. Jogava-se ao jogo da Glória e ao Monopólio. Batia-se nos irmãos. Com os amigos, andava-se de skate, jogava-se ao elástico, ao bate-pé e ao quarto-escuro. Alguns ficavam na rua a tarde toda a jogar à bola e a andar de bicicleta. Lia-se: “A Condessa de Ségur”, os “Cinco”, as “Gêmeas no Colégio de Santa Clara” e a Patrícia, a Mónica, a Mafaldinha e o Astérix. Os rapazes liam o Michel Vaillant. Na televisão via-se: a “Abelha Maia”, a “Água Viva” e o “Espaço 1999” (em reposição contínua), O Vasco Granja com desenhos animados checoslovacos que ensinavam a atravessar a rua, a Pantera cor-de-rosa e o professor Baltazar. Aos domingos, o Julio Isidro, o “Sítio do picapau amarelo”, “Dallas, o ”Homem da Atlântida”, os “Marretas” e os “Anjos de Charlie”.

(continua na página seguinte)

